

Discurso do Coordenador do Grupo de Trabalho Memorial da Democracia¹ Manoel Severino Moraes de Almeida²

Exmo. Governador do Estado – Paulo Camara

Exma. Vice-governadora do Estado Luciana Santos

Exmo. Prefeito do Recife João Campos.

Amigas e amigos do Grupo de Trabalho Memorial da Democracia

Amigas e amigos Ex membros da Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder Camara

Senhoras e Senhores

A Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder Camara de Pernambuco foi empossada em ato solene, no Palácio Campo das Princesas, há dez anos atrás, pelo governador Eduardo Henrique Accioly Campos, no dia 1 de junho de 2012.

Recordo as suas palavras quando em seu discurso afirmou: **“O Brasil venceu a escuridão. Pernambuco venceu a escuridão. E hoje, nesta solenidade, damos um largo passo para consolidar a democracia no nosso Estado e no nosso País. Porque não bastava avançar. É preciso ter rumo. Do contrário, ficaremos como o marinheiro que, tendo vento em suas velas, não sabe ajustar o leme para chegar mais cedo ao seu destino”**.

¹ Grupo de Trabalho “Memorial da Democracia de Pernambuco”. Vinculado à Vice-Governadoria, o GT criado pelo Decreto nº 51.751, em 3 de novembro de 2021, tem a finalidade de apontar propostas e formatos para apresentar ao público a história das lutas de resistência e de construção da cidadania do povo pernambucano até as lutas pela democracia e o trabalho resultante da Comissão da Verdade.

² Professor de Direito da Escola de Ciências Jurídicas da UNICAP; Advogado e Cientista Político. Titular da Cátedra UNESCO/UNICAP de Direitos Humanos Dom Helder Camara.

Eloquente, o governador continuou: **“A Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder Camara cumprirá – tenho certeza – importante papel para a indicação dos rumos da democracia no Brasil. O seu compromisso essencial é com a verdade, base sobre a qual se fundaram todas as sociedades, nas mais diferentes culturas, que venceram o totalitarismo e o arbítrio. E a verdade é o contrário do esquecimento, é a capacidade de contar o que aconteceu”**.

Hoje, infelizmente, o mundo acordou com uma nova guerra na Europa, que pode ter desdobramentos bélicos e humanitários devastadores. Milhares de Ucrânianos vão somar um contingente ainda maior de migrantes e refugiados decorrentes de conflitos armados no mundo nesse momento.

Semelhante ao medo de uma guerra, a ditadura civil-militar de 1964, esteve associada a uma onda de ditaduras nos países latino americanos. Eram tempos de guerra fria e de enfrentamentos ideológicos entre o latifúndio contra a modernização cultural representada pela esperança promovida pela educação e a cidadania.

No discurso do Coordenador da Comissão, Dr Fernando de Vasconcelos Coelho, na sessão solene de posse, afirmou: **“Em Pernambuco talvez tenham ocorrido as cenas mais violentas da repressão, talvez porque aqui a sociedade estava mais à frente dos demais estados. Talvez porque aqui na época de Miguel Arraes governador, os três poderes republicanos exercendo plenamente suas atribuições, os trabalhadores do campo começando a ser ouvidos, a juventude arregimentada vivendo em clima de plena liberdade. Aqui a história talvez andasse mais depressa, mais rapidamente. Um tanto na dianteira de seu tempo. Anunciando o tempo novo. Talvez, por isso mesmo, a repressão aqui tenha sido maior. O esforço para tentar paralisar a marcha da história tenha exigido mais do que, pela força, haviam se apossado do Poder”**.

É marcha da história que estamos presenciando hoje. Curiosamente este Arraial do Bom Jesus foi também um ponto importante das guerras coloniais. Neste solo, repousam balas de canhões, que foram atiradas contra pessoas que resistiram por anos. Ao mesmo tempo, partiu desse solo a retomada que unificou nosso ancestrais no desejo pela liberdade.

Estes valores foram retomados na Revolução Pernambucana de 1817 e na Confederação do Equador. Momentos históricos eternizados em nossa bandeira, em nosso hino, em nossos símbolos.

Não é coincidência que Paulo Freire e seus amigos educadores e intelectuais escolheram este lugar de resistência para que, na década de 1960, o casarão abrigasse o Movimento de Cultura Popular (MCP).

O MCP tinha por objetivo contribuir na formação política e social da sociedade, no intuito de prepará-la para uma cidadania ativa, orgânica e crítica.

Foram três anos (1961-1964) de intensa atividade, utilizou-se rádios para transmitir lições para alfabetização e educação de base. Educadores integraram uma pedagógica baseado na identidade, cultura e vínculo social. Mas não parou aqui, outros locais e cidades ampliaram o conceito transformando “parques” e “praças de cultura” em trincheiras da defesa da dignidade de nossa cultura popular.

O conceito de cultura popular era revolucionário, porque superava uma ideia de educação como instrumento de reprodução do *status quo*, aqui, nasceu um projeto republicano de ensino.

E, por isso, dias depois do golpe civil-militar de 1964, forças militares com tanques invadiram este espaço, e, recolheram todo o material do MCP acusando o seu conteúdo de subversivo.

Os integrantes do MCP passaram a ser perseguidos, detidos e exilados. O medo foi instalado como política de Estado. A experiência foi encerrada, mas como vemos hoje, seu projeto vive.

O Memorial é um equipamento educativo, dinâmico e deve ser um ponto de partida para uma política pública de memória, que amplie em outros municípios o conhecimento das gerações futuras sobre a indignidade de uma ditadura militar.

Os documentos disponibilizados neste espaço revelarão 21 anos de perseguições, repressões e torturas, praticados por ex-agentes dos órgãos de segurança do Estado, contra Pernambucanos aqui e em outros estados do Brasil. Foi a estes Pernambucanos que dedicamos o relatório final, **“às vítimas da repressão e aos familiares e amigos que nunca desistiram de lutar”**.

Que o memorial seja uma base para outros e muitos projetos de pesquisa. Espaço acessível aos pesquisadores, historiadores e à sociedade como um todo. Em um mundo que assiste bombas novamente soando na Europa, nossa mensagem é a resistência por justiça e paz.

Excelências, desejo externar, por último, a alegria, do reconhecimento de que o nome do nosso coordenador da Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder Camara integre a denominação oficial do Memorial. Como jurista e defensor de direitos humanos Dr Fernando Coelho foi um pilar, um timoneiro desse projeto. Nada poderia ser mais propício que seu legado jurídico e político ser integrado a um equipamento que terá como missão a denúncia dos crimes contra humanidade praticados contra nossa sociedade. Mas também a memória dos justos, anônimos que não se curvaram ao poder.

Termino lendo os versos do poeta Thiago Mello: Os Estatutos do Homem (Ato Institucional Permanente):

Artigo I.

Fica decretado que agora vale a verdade.
que agora vale a vida,
e que de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.
[...]

Artigo Final.

Fica proibido o uso da palavra liberdade.
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

Santiago do Chile, abril de 1964

Publicado no livro Faz Escuro Mas Eu Canto: Porque a Manhã Vai Chegar (1965).

In: MELLO, Thiago de. Vento geral, 1951/1981: doze livros de poemas. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira